



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

Prefácio

Luiz Gonzaga Godoi Trigo

Como citar: TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. Prefácio. *In:* CELESTE FILHO, Macioniro. **O Ensino Superior como formação profissional:** a criação do curso superior de Turismo na década de 1970. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2024. p.9-13. DOI: <https://doi.org/10.36311/2024.978-65-5954-530-8.p9-13>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

PREFÁCIO

Entre 1990 e 2010, na passagem do século, o cenário do Ensino Superior brasileiro presenciou uma das maiores bolhas de sua história: o inchaço dos cursos de Turismo e relacionados (Hotelaria, Gastronomia, Eventos...), especialmente no setor privado. De repente eclodiu uma percepção inflacionada de que Turismo seria o futuro e, a partir de 1996, foram autorizados centenas de cursos chegando ao número absurdo de 500 ou 600 programas em todo o Brasil, até em lugares com potencial turístico negativo (Marília Ansarah e Mirian Rejowski fizeram a análise quantitativa dos cursos). O cenário atual mostra que os cursos de Turismo quase se extinguíram, sobrevivendo com dificuldades em pouquíssimas instituições privadas e com ótimo desempenho em algumas universidades públicas (Federais e Estaduais/Comunitárias) e Institutos Federais. Na elite dessas universidades públicas florescem os programas de pós-graduação com bom nível de excelência (a maior nota dos programas em Turismo na Capes é 5,0).

O que aconteceu ao longo dessas últimas três décadas? Como explicar essa ascensão exuberante seguida de queda em tão pouco tempo?

É a economia... Na época, o Brasil surfava nos sucessos e benefícios gerados pelo Plano Real, executado em 1994, e os governos de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) e de Luis Inácio Lula da Silva (2003-2010) beneficiaram-se de um contexto nacional favorável e de cenários internacionais com otimismo, disponibilidade de capital para investimentos, crença na globalização e euforia com as novas tecnologias de informação e comunicação. Com o colapso do socialismo real na ex-União Soviética e no Leste Europeu e com abertura econômica da China, hordas de novos turistas começaram a se deslocar pelo mundo, somando-se aos europeus, latinos, outros orientais e australianos, que se beneficiavam de épocas de fartura econômica e de ganhos de tempo livre para curtir feriados, férias ou a aposentadoria.

No Brasil a euforia passava pela estabilidade econômica, pelas promessas de melhoria dos serviços com as privatizações de alguns setores como telecomunicações e aeroportos. Pensava-se nos ganhos que os megaeventos (Olimpíada, Copa do Mundo, Paraolimpíada) trariam e havia uma renovação da infraestrutura do país com abertura de novos hotéis, terminais aéreos, centros de varejo e gastronomia ligados ao entretenimento, artes e cultura.

Alguns eventos nefastos como a crise financeira internacional de 2008; o crescimento da imigração forçada pelas guerras ou desastres ambientais para alguns países europeus e para os Estados Unidos; a desconfiança com a globalização e formação de blocos econômicos; o crescimento das tensões entre o Ocidente e o Oriente (especialmente com a China e Rússia) levaram à crises regionais que afetaram o crescimento econômico em vários pontos do planeta. No Brasil, a partir de 2013, a sociedade vivenciou incertezas e instabilidades políticas e econômicas, o que refletiu em menos disponibilidade para consumo de produtos e serviços não essenciais, como lazer e turismo. Então veio a pandemia de Covid-19, que paralisou totalmente o mercado internacional de viagens por quase dois anos e ainda deixou cicatrizes sociais e culturais por onde passou.

Em meio a esses eventos os sistemas educacionais passaram por mudanças profundas em termos de novas tecnologias, métodos pedagógicos inovadores, questão da inclusão e diversidade nas escolas e nos currículos, surgimento de novas profissões e campos de atuação além da internacionalização entre vários programas e universidades. Já detectado em 2015, por Jafar Jafari em suas pesquisas, o amplo setor do turismo se fragmentou tanto no mercado quanto nas universidades e programas de pesquisa. A fragmentação é a diversificação do que se entende por “viagens e turismo” em campos como hotelaria e hospitalidade, gastronomia, eventos, entretenimento, esportes, artes e cultura, meio ambiente, gestão e negócios, planejamento, design e urbanismo. O turismo tem tudo a ver, direta e indiretamente, com todas essas atividades. A explosão dos setores de entretenimento ocorreu especialmente em *games*, *streaming*, redes sociais, museus e centros culturais interativos e imersivos, navios de cruzeiros que são quase parques temáticos, resorts paradisíacos, arenas sofisticadas como a “esfera” de Las Vegas, os shows musicais *high tech* em espaços abertos, shoppings e mercados cada vez mais

sofisticados e atendendo os mais variados tipos de público. São dezenas de atividades diferentes que exigem dezenas de profissionais diferentes, cada um sendo treinado e educado em um campo distinto, mas com a perspectiva de trabalharem em equipes articuladas. Os antigos currículos dos cursos de turismo não mais davam conta sozinhos dessas novas exigências, habilidades e competências que agora eram adquiridas não apenas em escolas convencionais, mas também pela internet, em centros de treinamento isolados das grandes escolas e no próprio mercado. Em termos de graduação os cursos de Hotelaria, Gastronomia, Eventos, Administração direcionada ao Turismo, Educação Física direcionada ao lazer e alguns programas ligados ao meio ambiente proviam vários dos conteúdos exigidos pelo setor de viagens e turismo. Sem contar os campos de transportes, marketing, estatística e finanças que sempre foram de suas próprias áreas específicas da academia e do mercado.

Por outro lado, a proliferação desordenada dos cursos de Turismo nas faculdades e universidades privadas só poderia resultar em fracasso. Fui membro da Comissão de Especialistas dos cursos de Administração (e posteriormente da Comissão de Turismo e Hotelaria) do Ministério da Educação a partir de 1996, onde fiquei por quatro anos e testemunhei como cursos eram aprovados por nossas comissões apenas com indicações genéricas sobre como esses cursos seriam implantados. O novo Conselho Nacional de Educação tinha como política aprovar os cursos desde que atendessem as mínimas exigências. O problema é que essas “mínimas exigências” se mostraram insuficientes, especialmente no turismo. Alguns empresários e técnicos da educação tinham a errônea ideia de que turismo era “fácil de ensinar e aprender”, não precisava de laboratórios específicos, alguns computadores seriam suficientes e as bibliotecas eram um detalhe menor. Ou seja, poderiam ter muitos lucros com poucos investimentos e aproveitando professores de outras áreas para “tocar o curso”. A onda de entusiasmo com os cursos de turismo durou menos de duas décadas.

O setor de viagens e turismo voltou a crescer depois das crises mundiais e da pandemia e apesar das guerras e conflitos violentos em algumas partes do planeta. A formação em turismo e atividades relacionadas continua a ser importante, estando distribuída em diversos centros de formação, treinamento e capacitação, reais ou virtuais.

O texto de Macioniro Celeste Filho sobre a criação do curso de Turismo na USP mostra a gênese desse longo processo que se iniciou na década de 1970. É importante conhecer a história para se entender como ocorreu essa grande expansão dos cursos de Turismo e sua atual fragmentação em tantos campos do conhecimento e do mercado.

Macioniro (Márcio, para os conhecidos) analisa desde a questão conceitual do que se entendia por “turismo” há mais de 50 anos, como se estruturava a educação em São Paulo e especialmente na Universidade de São Paulo, como o Conselho Federal de Administração esteve junto nesse processo de criação e ampliação dos cursos de turismo pelo Brasil e como a USP trabalhou para criar um curso que foi inspiração para muitos outros cursos que proliferaram pelo país. Em termos históricos a antiga Faculdade de Turismo do Morumbi foi um grupo privado que criou o primeiro curso de Turismo no Brasil em 1971, tendo sido posteriormente incorporada à Universidade Anhembi-Morumbi.

A USP liderou a proposição dos currículos, programas e métodos de ensino para turismo ao nível superior e criou o primeiro programa de pós-graduação na área (1993), que foi posteriormente descontinuado. Atualmente os programas de mestrado e doutorado em Turismo da USP estão sediados na Escola de Artes, Ciências e Humanidades.

Há muitas dissertações, teses e artigos sobre o desenvolvimento dos cursos de turismo no Brasil, mas há poucos livros, ou seja, publicações mais robustas com ampla discussão sobre a problemática da educação superior em turismo. O livro de Macioniro se insere agora nesse seleto universo, possibilitando o (re)conhecimento da USP como celeiro de novas ideias e projetos. O livro foi fruto da dissertação de mestrado de Macioniro, defendida em 2002.

Esse texto se articula com as obras da professora Marlene Matias *Turismo – formação e profissionalização* (Barueri/SP: Manole, 2002) e *Turismo – 50 anos dos cursos de graduação no Brasil* (Jundiaí/SP: Paco, 2022). Para se ter uma ideia do estado da arte sobre a pesquisa em turismo no Brasil, há a tese de doutorado de J. Laize S. Oliveira, orientada pelo professor Alexandre Panosso Netto, editada no livro *O pensamento turístico brasileiro* (São Paulo: Dialética, 2023).

Mesmo não sendo mais um curso “pop” e de massa, o campo do turismo continua a exigir formação e qualificação de ótimo nível. O conhecimento na área se expandiu e foi distribuído pelos diversos campos do conhecimento. Conhecer suas origens ajuda a compreender alguns dos mitos, ritos e desafios que o turismo brasileiro continua a suscitar e este texto lança luzes sobre uma de suas principais vertentes acadêmicas e históricas.

Luiz Gonzaga Godoi Trigo

Professor Titular da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP.
Atuando na graduação de Lazer e Turismo e credenciado na pós-graduação
(mestrado e doutorado) em Turismo.